

Yvoty: flores e outras plantas do povo Guarani Mbya

Tatiane Klein

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios (CEstA-USP).

E-mail: tatimaklein@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0297-0962>

Karen Shiratori

Pós-doutoranda do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios (CEsTA-USP) e pesquisadora associada do PALOC (IRD).

E-mail: karen.shiratori@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6384-0144>

Tatiana Amaral

Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos e assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.

E-mail: tatisatiamaral@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0336-8973>



Resumo

Yvoty ou *poty* são variações de um termo utilizado pelos povos de língua guarani para se referir às flores, que têm grande centralidade em seus mundos e em seu pensamento. Produzido durante uma viagem a campo em uma aldeia guarani na Serra do Mar (SP), a Terra Indígena Ribeirão Silveira, este ensaio fotográfico busca traduzir em imagens parte da experiência etnográfica junto aos Guarani, às flores e plantas – marcada por caminhadas através da Mata Atlântica, visitas a casas e viveiros, além de conversas, entrevistas e reuniões. É por meio do “silêncio eloquente das imagens” (Caiuby Novaes, 2014), apresentadas em pranchas com sobreposições e entremeadas por legendas etnográficas, que enfocamos os saberes e fazeres guarani em relação às espécies da flora presentes nessa aldeia, derivados de suas relações de respeito e cuidado com *ija kuery*, os espíritos-donos.

Palavras-chave:

Flores;
Biodiversidade;
Conhecimentos tradicionais; Guarani;
Etnologia indígena.

Abstract

Yvoty or *poty* are variations of a term used by the Guarani-speaking groups to refer to flowers, which are central to their worlds and in their thought. Produced during a fieldwork at a Guarani village in Serra do Mar (SP), the Ribeirão Silveira Indigenous Land, this photo essay seeks to translate part of the ethnographic experience with the Guarani, the flowers and the plants – marked by walks through the Atlantic Forest, visits to houses and nurseries, as well as conversations, interviews and meetings. It is through the “eloquent silence of images” (Caiuby Novaes, 2014), presented on overlapping boards and interspersed with ethnographic captions, that we focus on Guarani knowledges and practices related to the species of flora present in this village, derived from their respectful relationships and beware of *ija kuery*, the masters spirits.

Keywords:

Flowers;
Biodiversity;
Traditional
knowledge; Guarani;
Indigenous ethnology.

Uma aproximação às flores e plantas

<i>Yvára jecheka mba'ekuaa,</i>	O lume de seus olhos-de-céu,
<i>yvára rendupa,</i>	os divinos ouvidos
<i>yvára popyte, yvyra'i,</i>	as palmas celestes arvorando o cetro
<i>yvára popyte rakã poty,</i>	as mãos celestes com os brotos floridos
<i>oguerojera Ñamandui</i>	abriu Ñamandui, desabrochando
<i>pytũ yma mbytére.</i>	do caos obscuro do começo ¹

1. Excerto de *Maino i reko ypykue*, do livro *Roça Barroca*, em que Josely Vianna Baptista (2018: 24) apresenta traduções de três capítulos do *Ayvu Rapyta: Textos Míticos de los Mbya Guarani del Guairá*, de León Cadogan ([1959] 1992).

Os primeiros versos dos cantos míticos dos Guarani Mbya, registrados por León Cadogan nos anos 1940, nos dão dimensão da potência agentiva das flores, *poty*, e do desabrochar, *ombojera*, na reflexão cosmogônica guarani. Foi com essas figuras em mente que, em junho de 2019, visitamos a Terra Indígena Ribeirão Silveira, no litoral norte do estado de São Paulo, e propusemos a moradores e lideranças indígenas dessa aldeia guarani na Serra do Mar (cf. Macedo, 2009) a produção de um catálogo impresso, voltado ao público amplo, dando destaque às flores e à Mata Atlântica zeladas pelos Guarani.

O projeto fazia parte de um curso oferecido pelo Sesc São Paulo e o produto, que não chegou a ser publicado, interessou prontamente nossos interlocutores na aldeia. Após apresentá-lo às lideranças Carlos Papa e Cristine Takuá, discutimos coletivamente a ideia numa das *casas de reza (opy)* do núcleo Cachoeira, um dos cinco nessa terra, e passamos a dialogar diretamente com pessoas guarani que tinham relações especiais com plantas e flores. O primeiro foi Vicente Karai Xondaro, que trabalha com flores ornamentais exóticas, produzindo arranjos para venda com variedades de helicônias (fam. *Heliconiaceae*) do bastão-do-imperador (*Etilingera elatior*). Por meio de conversas e caminhadas pela mata, ele nos levou a Shirley Kerexu Poty e sua filha, Kerexu, moradoras do núcleo Centro e conhecedoras de diferentes qualidades de flores nativas (*yvoty* ou *poty*) e plantas de uso medicinal (*moã*), assim como a *jaryi*, anciã, Maria Luiza Ara Hi. Até o final da visita, encontraríamos ainda Claudinei Papa Mirim, que mantém um dos inúmeros viveiros de orquídeas e plantas medicinais no Silveira.

Esses diálogos nos permitiram uma aproximação com os ricos saberes e práticas ambientais guarani – que se revelam também nas roças multidiversas cultivadas pelas famílias, com variedades de *avati* (milho), *jety* (batata doce), *mandi'o* (mandioca), entre outros, e em projetos de manejo palmeiras para extração de palmito (*jejy*). Aprendemos com eles um pouco sobre modos guarani de classificação do

que é encontrado na mata: *yvyra* corresponde às árvores e arbustos e *hogue* são suas folhas; as palmeiras têm um papel central na sustentação do mundo e estão reunidas na categoria *pindo*; as lianas ou cipós são *ixypo* e as samambaias são *amambai*, algumas delas sendo também reconhecidas como remédios (*moã*). Também vimos que, se para os não indígenas as matas são vistas apenas como reservatórios de recursos da biodiversidade, para os Guarani elas devem ser cuidadas porque são legados das divindades nesta terra e moradas de entidades visíveis e invisíveis, tais como os respeitados *ija kuery*, espíritos-donos.

O ensaio fotográfico a seguir resulta de uma reelaboração desse encontro com os Guarani em Ribeirão Silveira e de 24 imagens² em que ele resultou, agora apresentadas em pranchas com sobreposições e entremeadas por algumas legendas etnográficas. Com seu “silêncio eloquente” (cf. Caiuby Novaes, 2014), essas imagens nos falam da importância da presença guarani para a existência e manutenção da biodiversidade na Mata Atlântica, bem como das contribuições de suas práticas, conhecimentos e modos de manejo territorial para a conservação das ínfimas áreas remanescentes desse bioma no Brasil (cf. Carneiro da Cunha, 2019; Ladeira e Azanha, 1988; Ladeira e Cossio, 2021).

2. A maioria das fotografias inseridas neste ensaio são de autoria de Tatiane Klein, Karen Shiratori e Tatiana Amaral à exceção de uma, feita por Álvaro Micheletti, que participou da pesquisa de campo conosco e a quem agradecemos pela autorização para uso nesta publicação.







Ribeirão Silveira

Os Guarani são um grande povo: hoje somam cerca de 280.000 pessoas no sul da América Latina e seus coletivos se fixam em *tekoa*, aldeias, no Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. A Terra Indígena Guarani Ribeirão Silveira [<https://guarani.map.as/#!/lands/558>] é uma delas, ocupada tradicionalmente por uma população de cerca de 500 pessoas das etnias Guarani Mbya e Tupi Guarani e localizada em uma região de Mata Atlântica entre os municípios de Bertioiga, Salesópolis e São Sebastião (SP). A área é dividida em cinco núcleos, Silveira, Porteira, Rio Pequeno, Cachoeira e Centro, e foi reconhecida e declarada para usufruto exclusivo dos Guarani em 2008, com 8.500 hectares de extensão. Ela é sobreposta por duas Unidades de Conservação: o Parque Estadual Restinga de Bertioiga e o Parque Estadual da Serra do Mar.

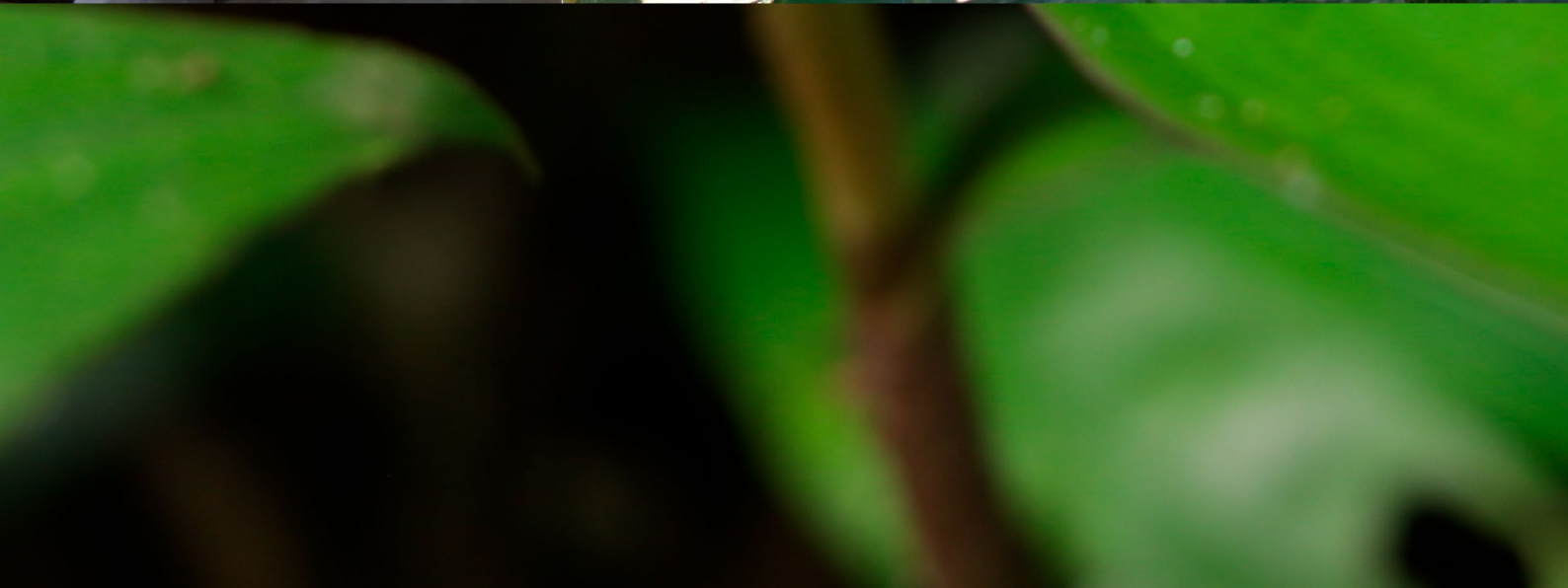






Caminhada na mata

Entre os Guarani, as flores são chamadas de *yvoty* ou *poty*, um nome que também se dá às pessoas. Foi com Kerexu Poty e sua filha, Kerexu, que aprendemos um pouco mais sobre a diversidade de flores conhecidas pelos Guarani na Mata Atlântica e seus cuidados com elas. Nas narrativas míticas guarani, é uma caminhada em busca de flores que leva *Ñandexy*, a mãe de *Kuaray* e *Jaxy*, Sol e Lua, à casa das Onças, como lembrou a jovem Kerexu em nossos trajetos pela mata. Existem muitas formas de contar essa história e, em algumas delas, *Ñandexy* está em busca de *yvoty ju*, flores amarelas, pedidas pelo filho, que fala com ela em sua barriga. As flores avermelhadas são chamadas pelos Guarani de *yvoty pytã*, sejam de *karaguata*, bromélias, orquídeas ou de outras plantas. As flores também costumam ser identificadas por sua diversidade de formas: “*Kova’e rengua’i ipoty ojere’i va’e*”, diz a jovem, indicando uma bromélia que daria uma flor estrelada.





“Cada uma tem *ija*”

Estivemos em Ribeirão Silveira no final do *ara yma*, o tempo velho, que marca o período em que as flores e folhas das árvores caem, as pessoas e os animais se recolhem, o plantio, a caça e a pesca são evitados. Ainda assim, essas mulheres eram capazes de reconhecer um sem número de flores na mata nativa, quais seus nomes e cores. A anciã Maria Luiza Ara Hi nos conta que os Guarani sempre foram orientados a não retirar *poty* da mata de qualquer jeito. Para fazê-lo, é preciso conversar com os *ija* para evitar ser agredido. Kerexu Poty nos conta que “cada uma tem *ija*”; *ivoty para*, ou *tigresa*, por exemplo, é uma das flores que tem *ija vai*, um tipo de espírito-dono muito agressivo que tem a forma de uma grande cobra. “*Ija*’i é o dono da flor. A árvore também fala assim. A fala dela [*ijayvu*] pode pegar em você e você fica doente”, conta sua filha mais velha, Kerexu, explicando porque não se deve retirar flores sem pedir.







Haku'i va'e

Karaguata ou *karaguata'i* é o nome dado pelos Guarani às bromélias e os abacaxis, da família das bromeliáceas. Na Mata Atlântica elas são abundantes, mas, segundo os saberes ambientais deste povo, não devem ser retiradas dos topos das árvores. Suas flores costumam ser classificadas por eles a partir de suas cores e de sua forma. Algumas flores são identificadas pelos Guarani como quentes, *haku'i va'e*, e são capazes de causar infortúnios a quem as toca. É o caso de pequenas bromélias que, mesmo tendo caído das árvores, não podem ser tocadas por moças ou mulheres que ainda não tiveram filhos: “Minha mãe disse que não pode tocar esse daqui. Se a gente pegar assim, a gente tem o filho e ele morre. Tem que perguntar pra pegar”, explica a jovem Kerexu.







Viveiros de orquídeas

Em Ribeirão Silveira há uma grande variedade de orquídeas, que os Guarani costumam classificar também por suas cores e aspecto. A coloração das flores é um importante fator classificatório: *yvoty xi'ĩ*, por exemplo, é como chamam as flores brancas, inclusive orquídeas. Nenhuma delas pode ser manejada sem regras. Um exemplo da prática de manejo é o viveiro de Claudinei Papa Mirim, um dos primeiros a realizar essa atividade no Silveira. Embora o manejo destas espécies da flora não tenha sido central nos ensinamentos de seus parentes mais velhos, ele contou como o respeito por cada ser vivo lhe foi passado pelo avô: “Meu vô falou assim: cada flor que você vê é inspiração de uma abelha. Cada lugar que você vê uma abelha, ela gosta de uma florzinha. Nós não conhecemos a abelha, mas ela significa muito para a flor. Mesmo que você não conheça a natureza, respeite cada flor que esteja ao seu alcance. Cada flor tem um passarinho que a ama”.







Ornamentais

Entre as plantas ornamentais cultivadas no Ribeirão Silveira estão o Bastão do Imperador (*Etilingera elatior*), também conhecido como gengibre tocha ou flor da redenção, o Pingo de Ouro (*Duranta repens*), Alpinias (família *Zingiberaceae*) e as Helicônias (família *Heliconiaceae*), comumente chamadas de bananeiras do mato. Há cerca de 183 espécies conhecidas do gênero da família *Heliconiaceae* no Brasil, entre elas, 33 espécies nativas, sendo seis do litoral norte de São Paulo. O trabalho com viveiros e manejo sustentável de orquídeas e bromélias nativas tem se mostrado uma boa alternativa de geração de renda associada aos conhecimentos locais sobre a biodiversidade. O interesse crescente pelas plantas ornamentais é demonstrado também por Vicente Karai Xondaro, em suas explicações sobre a montagem do arranjo [<https://youtu.be/gvUgoFQw0Xs>], em que mostra o modo correto de cortar as hastes das plantas para que durem o máximo no vaso e sua técnica para a composição de um conjunto utilizando somente materiais locais, como cipós, folhas e bambu.

Referências

Baptista, Josely Vianna. 2018. *Roça barroca*. São Paulo: SESI-SP Editora.

Cunha, Manuela Carneiro da. 2019. “Antidomestication in the Amazon: Swidden and its foes”. *Hau: Journal of Ethnographic Theory* v. 9: 126-136.

Ladeira, Maria Inês; Azanha, Gilberto. 1988. *Os índios da Serra do Mar: a presença Mbyá-Guarani em São Paulo*. São Paulo: Nova Stella.

Ladeira, Maria Inês; Cossio, Rodrigo Rasia. 2021. “Contribuições dos Guarani à biodiversidade na área da Mata Atlântica – *Ka’aguy ete*”. In: Manuela Carneiro da Cunha, Sônia Barbosa Magalhães e Cristina Adams (Org.); Laure Emperaire (Coord. da seção 7). *Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças*. São Paulo: SBPC.

Macedo, Valeria Mendonca de. 2009. *Nexos da diferença. Cultura e afecção em uma aldeia guarani na Serra do Mar*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), Brasil.

Novaes, Sylvia Caiuby. 2014. “O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia”. *Cadernos de Arte e Antropologia* n. 3, v. 2: 57-67. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.245>